

# SOBRE CERTO PERCURSO DO CRÍTICO

---

*On certain course of the critic*

Fernando Cerisara Gil\*

Como forma de elogio, já foi dito que Antonio Cândido nasceu crítico feito. Para lá do caráter sempre exagerado que tem esse tipo de encômio, não parece excessivo dizer que, vistas as coisas retrospectivamente, linhas significativas do pensamento de Antonio Cândido já estavam postas no momento em que ele começava, ainda jovem, a sua atividade de crítico literário na grande imprensa brasileira, ali na primeira metade dos anos 40. Neste artigo, gostaria, numa primeira etapa, de comentar o pensamento do *jovem Cândido*, destacando suas linhas de força, a partir das três notas críticas iniciais recolhidas ao livro *Textos de intervenção*, organizado por Vinícius Dantas; numa segunda, tenho a intenção de mostrar como aspectos do momento inicial se desdobram e se reconfiguram na fase posterior do crítico, particularmente no ensaio *Crítica e Sociologia*, de 1961, presente em *Literatura e sociedade*.

As três notas de crítica foram publicadas nos anos de 1943, 1944 e 1945, sendo as duas primeiras na *Folha da Manhã* e a última no *Diário de S. Paulo*. Em todos os textos Antonio Cândido tem como foco de preocupação o papel a desempenhar como crítico, ou seja, como mediador das relações entre literatura e sociedade. São textos de natureza metacrítica, para utilizar os mesmos termos de Cândido, em que este expõe e define ao leitor sua forma de ação como crítico e, por conseguinte, a função da literatura nesses três momentos. Não estamos, assim, diante de textos em que o crítico se mostra em *ato*, debruçado sobre o romance ou o poema, tecendo suas considerações e juízos, nem nos interessa aqui, diretamente, cotejar a solução de continuidade entre as diretrizes explicitadas e a sua atuação mais estrita como crítico. De qualquer maneira, tudo indica que desde cedo esses âmbitos se alimentam e se redefinem reciprocamente no pensamento de Antonio Cândido.

\* Professor Adjunto de Literatura Brasileira da UFPR.

Notas de Crítica Literária: *ouverture*, de 1943, como nos informa Vinicius Dantas, foi texto inaugural do nosso autor, quando assumiu a crítica de rodapé na *Folha da Manhã*. Antonio Cândido inicia seu artigo destacando que, tão importante quanto o fato de o crítico definir o que seja crítica para seus possíveis leitores, espera-se que ele apresente a sua ética, isto é, “quais as imposições que se faz e quais os princípios de trabalho com os quais não transige”<sup>1</sup>. Voltaremos a este ponto mais adiante.

Antes, é importante chamar atenção para o tipo de crítica literária que Antonio Cândido irá combater nesse momento. Embora muito de passagem, Cândido questiona a “crítica científica”. A transformação da crítica literária em ciência que pretende “descobrir fórmulas ‘objetivamente’ aplicáveis [...] é uma monstruosidade que só não é porque não é possível”<sup>2</sup>. Querer criar “uma técnica de crítica” não passaria de um dos muitos pedantismos criados pela pretensão dos homens de letras. Nesse ponto, Antonio Cândido parece antever a emergência da crítica especializada, acadêmica – origem da formação intelectual do próprio ensaísta, diga-se de passagem –, que se concretizará a partir dos anos 50, com ondas variadas de perspectivas teóricas e metodológicas e com a intenção de *cientificizar* o estudo da literatura.

Mas o alvo central de Cândido será um tipo de atuação em face da literatura que talvez se possa chamar de *impressionismo-exibicionista*. Nesse tipo de conduta a capacidade de penetração do crítico – de captar os valores da obra – dá lugar a uma espécie de “aventura da personalidade, um passeio através das obras e dos autores com o intuito exclusivo de penetração e de enriquecimento pessoal”<sup>3</sup>. Reconhece que tal atitude é necessária como etapa inicial, mas se torna problemática quando passa de fase à finalidade do processo crítico. Cândido rechaça uma posição diante da literatura que tem a sua origem no beletrismo e no bacharelismo da vida cultural e literária brasileira, com seu apogeu na virada do século XIX para o XX, mas que se estende com variações, e de modo expressivo, até aquele momento. É o que denomina de “crítica de pretextos”, na qual o crítico escamoteia a obra e exibe em seu lugar a própria personalidade<sup>4</sup>. São momentos históricos em que predominam a hipertrofia e o hedonismo literário. Diz Antonio Cândido:

<sup>1</sup> CÂNDIDO, A. Notas de Crítica Literária: *ouverture*. \_\_\_\_\_. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de: Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2002. p. 23.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 25.

<sup>4</sup> *Idem*.

O eu se enfeita e se pavoneia para gozo do próximo e de si mesmo. Neles, os laços que prendem a obra ao seu tempo se esbatem, são voluntariamente esbatidos, para que possam luzir “as mil cintilações do êxito intacto” com que se embriagam os indivíduos... São épocas em que é possível tanto ao crítico como ao leitor, embeber-se unicamente naquilo que a obra lhe oferece de sugestivo, sem nela procurar mais do que esta espécie de contribuição para o auto-enriquecimento. É o paraíso da crítica impressionista e dos “a propósitos” críticos<sup>5</sup>.

Contra a nascente “crítica científica” e o predomínio da crítica impressionista, o que propõe Antonio Cândido naquele instante? Propugna uma *crítica participativa, engajada*, se quiser, na qual a leitura, mais do que a leitura da obra, deve ser uma leitura do mundo. A crítica, como deciframento do mundo, faz da literatura, sobretudo, um meio, um veículo. Nas palavras do autor de *Literatura e sociedade*:

O leitor transpõe (deve transpor...) a zona de influência das sugestões de ordem pessoal para entrar, decididamente, na significação geral da obra – entendendo por tal coisa o sistema de relações que a prendem ao seu momento e a posição dele, leitor, ante ambos. É quase um esforço para não tomar a obra como resultado último da investigação crítica, mas, num esforço de transcender, que se vem juntar ao que se põe em segundo plano a própria pessoa, procurar tirar da obra, graças à compreensão dos seus liames com o tempo, a inteligência deste e uma orientação para a conduta<sup>6</sup>.

A urgência da inserção da obra em seu tempo, em seu momento cultural, repõe no centro da discussão a questão ética do crítico ao mesmo tempo em que traz inteligibilidade àquela. No caso, para Cândido, o estatuto ético do crítico se liga de modo indissociável à *leitura compromissada*, à *leitura partidária*, qualquer que seja a sua natureza (política, religiosa, filosófica ou literária) ou tendência. A noção de ética que o crítico deve assumir pressupõe, assim, seu compromisso com o momentâneo, com o imediato, que do ponto de vista intelectual se traduz na necessidade de “esclarecer os acontecimentos no presente”. Numa palavra, a leitura e a reflexão devem estar a serviço de sua época e de suas necessidades<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> CANDIDO, A. *Op. cit.*, p. 25.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 26. (Grifos meus).

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 29.

Nas “Notas de Crítica”, de 1944, Antonio Candido avalia um ano de sua atividade como crítico literário na *Folha da Manhã* e ratifica a matriz geral das suas posições éticas e doutrinárias ao longo desse período. Reconhece que com isso desenvolve trabalho circunstancial e transitório, embora vivo e participante. Tal natureza fugaz seria própria da crítica de jornal, e “o crítico literário não visa a duração mas o seu momento”<sup>8</sup>.

O caráter *utilitário* e *esclarecedor* de sua crítica, ainda que passageiro, deve-se ao fato de o crítico estar atento ao sentido e condicionamento histórico-social da criação e da arte. É nesse ponto que Candido explicita de modo mais preciso, e poderíamos dizer mais teórico, a sua noção de crítica *participante, utilitária*, que também denomina de *crítica funcional*: ela se refere ao estudo da obra com relação ao seu condicionamento histórico-social, ou seja, os seus liames com os demais âmbitos da vida cultural para revelar até que ponto estes concorrem para a configuração do objeto, e, a partir daí, estabelecer a função que este desempenha no conjunto da cultura ou no momento presente. Com isso, Candido volta a demarcar a sua posição no campo literário contra a crítica “essencialista” de um Álvaro Lins, no plano interno, ou contra o estudo da obra como realidade acabada e autônoma<sup>9</sup> de um René Wellek, no plano externo<sup>10</sup>. O autor de *Recortes* contesta ambas as visões ao dizer:

[...] o condicionamento social e histórico da literatura não é apenas a sua moldura, mas – sem que isso implique num atentado à sua autonomia – a própria substância da sua realidade artística e a condição de existência dos elementos que, nela, podem ser chamados de eternos, graças, não a uma misteriosa participação em algo condicionado, mas a uma forte virtude de eloquência e generalidade<sup>11</sup>.

Posto isto, pode-se afirmar que a adoção dessa atitude por parte de Antonio Candido, nessa altura, tenha talvez dois motivos determinantes, embora não exclusivos. Um primeiro, mais eminentemente histórico-ideológico, vinculado aos contextos externo e interno de radicalização política entre direita e esquerda, configurada de modo imediato, num caso, pela

<sup>8</sup> CANDIDO, A. *Op. cit.*, p. 31.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>10</sup> No mesmo período em que escrevia para a *Folha da Manhã*, em 1943, Candido deu o seu depoimento a Mario Neme, para *Plataforma da nova geração*, em que sintetiza as tendências que, “apesar de fecundas em alguns aspectos”, se mostram perniciosas e devem ser combatidas por razões diversas: as filosofias idealistas, a sociologia cultural e a literatura personalista (NEME, 1945, p. 37-38).

<sup>11</sup> CANDIDO, A. *Op. cit.*, p. 35.

ascensão do nazi-fascista e a subsequente eclosão da segunda guerra mundial e, noutro, pela ditadura varguista no Brasil. O segundo, mais propriamente literário, relacionado ao ideário modernismo brasileiro – de que o próprio autor se diz tributário em diversos sentidos<sup>12</sup> – e às inflexões que esse foi tomando a partir, sobretudo, das reflexões de Mário de Andrade sobre o papel que o movimento teve na vida literária e social brasileira. Tais reavaliações, parece claro, são fruto desse novo cenário que implicava repensar a função da própria literatura para escritores de esquerda ou simpáticos a ela. Marco dessa reflexão sugere ser o clássico texto *Movimento Modernista*, de Mário, de 1942, a que Cândido faz referência várias vezes.

O terceiro artigo marca o retorno de Antonio Cândido à crítica literária jornalística, agora no *Diário de S. Paulo*, depois de alguns meses de afastamento. Marca também, e sobretudo, uma inflexão do seu ponto de vista. Fazendo o balanço crítico de sua atuação anterior, Cândido volta a se referir a Mário de Andrade como um dos pioneiros que apontava a necessidade da crítica literária incorporar o espírito do seu tempo e as urgências da hora presente, devido aos motivos acima mencionados e em face de uma crítica que havia renunciado ao contato da literatura com o cotidiano. A resultante de tal atitude crítica foi o surgimento do ponto de vista político como critério estético, a ideologização sectária dos juízos de valores sobre obras e autores<sup>13</sup>. A reorientação crítica de nosso autor, agora, significa uma luta sem trégua a esse sectarismo partidário, que avalia o valor de uma obra por ser ela de esquerda ou de direita. Nas palavras de Antonio Cândido,

as coisas chegaram a tal ponto que, neste instante, o que mais me preocupa não é integrar a obra no momento, como até aqui procurei fazer, mas abordando o problema crítico por um ângulo oposto e de certo modo complementar, *diferenciá-lo* do mesmo, acentuando a magnífica especificidade graças à qual toda obra de valor é literária antes de ser sociológica ou política ou interessada ou desinteressada<sup>14</sup>.

Ao sentido finalista de integração social da obra literária, “comprometido pelo excesso de participação com que a deformamos ou quisemos deformar”<sup>15</sup>, Antonio Cândido desloca, portanto, seu ponto de vista para o âmbito mais literário, seja no plano da interpretação, seja no plano

<sup>12</sup> NEME, M. *Op. cit.* Ver também o texto *Clima* (1978). In: CANDIDO, A. *Teresina etc.* (1980).

<sup>13</sup> CANDIDO, A. *Op. cit.*, p. 40.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>15</sup> *Idem*.

do julgamento. Sob este aspecto, o julgamento da obra deve partir da análise e da apreciação da *maneira* (literária) por que o autor exprimiu o conteúdo (ideológico, entre outros), e não o inverso, em que, no julgamento, a *maneira* se submete e depende da natureza do *conteúdo ideológico*<sup>16</sup>. Em resumo, em lugar do *imediatismo*, do *caráter utilitário* e *militante* do momento anterior, Cândido, nesse instante, está a exigir de si e de sua crítica que trate a literatura mais literariamente, preservando o seu campo de autonomia e independência<sup>17</sup>.

Se é certo que a reorientação do crítico se deve a um arrefecimento dos embates políticos e ideológicos externo e interno, tem algo na atitude de Antonio Cândido que, todavia, ultrapassa esta sintonia com as questões conjunturais, quanto lhe esteja indissociavelmente ligado. Refiro-me a um movimento crítico que será uma constante e, se assim posso me expressar, será também um aspecto constitutivo de sua singular dialética, e que já se põe em operação desde o início de sua trajetória: trata-se de um espírito atento aos desequilíbrios sistêmicos, aos excessos ou às carências, da vida mental e literária e que, por isso mesmo, está sempre em busca de um ponto de vista por assim dizer compensatório. Onde o foco da discussão está opaco ou travado por alguma razão, é ali que o crítico procura iluminar a cena no jogo balanceado de sua perspectiva crítica no qual a atitude de desentranve não significa a eliminação dos aspectos contraditórios do problema em debate. Ao contrário, a redefinição, a retificação, a reorientação e a variação dos pontos de vista é que fazem emergir aquele *sentimento dos contrários*, a que o próprio Antonio Cândido se refere em ensaio de anos depois<sup>18</sup>, em que o caráter contraditório e ambíguo do objeto estende-se a toda a materialidade social que configura a natureza do próprio objeto em tela.

Não parece ser exagerado dizer, então, que na atitude crítica do nosso autor sujeito e objeto vão se definindo reciprocamente ao longo de sua trajetória. Apenas para dar um exemplo nesse sentido, a posição *utilitária* e de *militância* dominante nas *Notas de 1943*, para além do contexto histórico-social específico que a fez emergir, será, ao que me parece, redefinida e reorientada como modo de compreensão mais abrangente e complexo da própria constituição da literatura brasileira enquanto sistema literário no instante em que Antonio Cândido formula algumas das premissas

<sup>16</sup> CANDIDO, A. *Op. cit.*, p. 42.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 43.

<sup>18</sup> CANDIDO, A. *Literatura de dois gumes*. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987.

principais de *Formação da literatura brasileira*, a partir de 1945. Antonio Cândido já tinha consciência, em 1943, que mesmo fazendo *crítica ideológica e participante* servia “aos leitores e à cultura do meu país”<sup>19</sup>. No entanto, é em *Formação* que o crítico reformata a sua posição inicial: ao deslocá-la para o próprio objeto que desentranha e cria, postula que nossa literatura é *eminentemente interessada*, não mais no sentido restrito posto em prática por ele até então, “mas que é toda voltada, no intuito dos escritores ou na opinião dos críticos, para a construção duma cultura válida no país”<sup>20</sup>. O que era contingente do ponto de vista do crítico, num determinado momento, reconfigura-se, num outro, como elemento estrutural no modo de descrever e analisar a dinâmica da literatura brasileira em seus momentos decisivos. A mudança de perspectiva, a variação de ângulos de Antonio Cândido significa sempre acumulação e adensamento, seja em relação ao seu próprio ponto de vista, seja em relação à tradição literária.

O quarto artigo, *Crítica e Sociologia*, traduz e sintetiza o processo que estamos procurando demonstrar na medida em que é, ao mesmo tempo, parte de seu desdobramento. O texto foi produzido na forma de intervenção que o autor fez nos debates do II Congresso de Crítica e História Literária, realizado em Assis, em 1961, e posteriormente recolhido ao livro *Literatura e sociedade*.

A natureza desse texto, como se percebe, é diferente, se comparado aos anteriores. Isso não somente porque aqueles eram escritos para jornais, para um público mais amplo e com uma linguagem “mais pública”, mas sobretudo porque *Crítica e Sociologia* é concebido num âmbito mais aprofundado da divisão social do trabalho intelectual em que agora se encontra o nosso crítico, com a sua profissionalização no campo acadêmico, ou seja, coincide com a especialização do trabalho crítico como disciplina acadêmica. A questão central do debate todavia permanece a mesma dos artigos de quase vinte anos atrás: qual a natureza e a função da crítica literária. A abordagem toma rumo diferente, pois se trava uma discussão tendo em vista áreas específicas do conhecimento forjadas no âmbito universitário, ainda que não exclusivamente. Estamos, portanto, num circuito crítico-teórico mais restrito, mais especializado e, sob certos aspectos, mais aprofundado – mas sem mudança do campo de interesse.

<sup>19</sup> CANDIDO, A. *Op. cit.*, p. 41.

<sup>20</sup> CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. p. 18.

A Antonio Cândido importa, nesse ensaio, examinar qual a natureza específica da crítica literária em face de outras formas de abordagem e de disciplinas que estão preocupadas com o “tratamento externo dos fatores externos” do fenômeno literário, a que Cândido denomina de forma geral de sociologia da literatura. Tais disciplinas, se legítimas do ponto de vista do exame de aspectos extraliterários (ao pesquisar a voga de um livro, a preferência estatística por um gênero, o gosto das classes etc.), não são dotadas da “orientação estética necessariamente assumida pela crítica”. Toda a segunda parte do ensaio se atém em descrever “as modalidades mais comuns de estudos de tipo de sociologia em literatura”<sup>21</sup>.

Para os objetivos deste trabalho interessa destacar, particularmente, que a diferenciação que Antonio Cândido estabelece entre crítica literária e as modalidades de estudos de sociologia em literatura resguarda para aquela a posição predominante do artigo de 1945. Nos termos desse último, pede o tratamento da literatura “cada vez mais literariamente, reivindicando a sua autonomia e a sua independência”; nos do artigo de 1961, sustenta que “os elementos de ordem social [ou outros quaisquer que predominarem numa obra] serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e autonomia da obra”<sup>22</sup> por parte da crítica.

Pode-se dizer que Antonio Cândido formula teórica e metodologicamente no ensaio Crítica e Sociologia aquilo que faz de modo mais programático em 1945, e, claro, nos limites possíveis de um espaço não especializado, como a seção de rodapé de jornal, e das urgências solicitadas pela hora. O nosso crítico elabora o que se pode chamar da *dialética do interno e do externo*, para pensar as relações entre a configuração da obra literária e os fatores externos que a constituem. Nesse sentido, explica Antonio Cândido: “[...] só a podemos entender [a obra literária] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo”<sup>23</sup>.

<sup>21</sup> CANDIDO, A. Crítica e Sociologia. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976. p. 4 e 9.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 4.

O “velho ponto de vista”, nesse ensaio, refere-se especialmente a algumas abordagens do século XIX, que pautavam o valor literário da obra a partir dos seus vínculos com o ambiente. Mas penso que não seja forçar a nota se entendermos que se trata também de uma retificação – implícita – da própria posição do nosso crítico em relação aos artigos iniciais, de 1943 e 1944, quando o estudo dos condicionamentos da obra, sobretudo o social, predominava no seu horizonte. Retificação esta que tem por trás de si, parece claro, toda a trajetória do nosso autor que inclui, entre outras, e principalmente, a elaboração da obra *Formação de literatura brasileira*. Digo *principalmente* porque, quando Antonio Cândido escreve Crítica e Sociologia, assim como boa parte dos ensaios coletados em *Literatura e sociedade*, cuja primeira edição é de 1965, o xadrez intrincado das principais questões crítica, teórica e metodológica com que tinha que se debater e equacionar, ao ter que estudar o processo histórico da formação da literatura brasileira, já estava armado em sua cabeça<sup>24</sup>. Novamente, acumulação, adensamento e reorientação de questões e de problemas. Eis o movimento do nosso autor: espécie de discreta obsessão teórico-metodológico – produtiva – por quem sempre declarou o seu horror à ostensividade do método.

Considerando o que foi dito, talvez fosse este esriba que teria que fazer a sua retificação... Seja como for, é no ensaio de 1961 que Antonio Cândido finalmente dialetiza a formulação crítica presente nos dois momentos anteriores. Isto é, a posição em que predomina a abordagem dos condicionamentos sociais (*fatores externos*), de 1943/44, e a que garante a autonomia do literário (*fatores internos*), de 1945, sem deixar de fazer ajustes ao longo do tempo, ganham a sua síntese dialética em Crítica e Sociologia. Quem sabe por isso, imagino, esse pequeno texto ocupa um lugar central no ensaísmo do nosso autor: por um lado, ele parece resultar de um processo de sedimentação, no terreno teórico, de uma preocupação crucial no pensamento de Antonio Cândido, portanto, um ponto de chegada;

<sup>24</sup> Para isso remeto o leitor – e contrariando o sugerido pelo crítico em seu prefácio – à famosa Introdução de *Formação*, sobretudo às partes 3- Pressupostos, 5- Os Elementos de Compreensão e 6- Conceitos. Para sentirmos o tom de continuidade de problemas, leia-se esta passagem, presente em Os elementos de Compreensão: “a crítica se interessa atualmente pela carga extra-literária, ou pelo idioma, na medida em que contribuem para o seu escopo, que é o estudo da formação, desenvolvimento e atuação dos processos literários. Uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não-literários: impressões, paixões, idéias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz. [...] Esta autonomia depende, antes de tudo, da eloquência do sentimento, penetração analítica, força de observação, disposição das palavras, seleção e invenção das imagens; do jogo de elementos expressivos, cuja síntese constitui a sua fisionomia, deixando longe os pontos de partida não-literários” (CANDIDO, 1975, p. 34).

por outro, e ao mesmo tempo, não deixa de possuir um caráter seminal, escala teórica para um próximo salto. Pois quero acreditar que o refinamento da percepção do modo como os fatores externos agenciam a estrutura literária permitiu desdobramentos fundamentais no âmbito da produção crítica de Antonio Cândido. Para ficarmos com o exemplo mais significativo, o romance de Manuel Antonio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícia*, analisado em *moto-contínuo* na *Formação da literatura brasileira*, toma uma outra dimensão crítica, alguns anos após a elaboração do artigo de 1961, em *Dialética da malandragem*<sup>25</sup>. Com isso pretendo dizer que a descoberta do jogo da *dialética da ordem e da desordem* dependeu e derivou, substancialmente, do salto teórico da *dialética do interno e do externo* apresentado em Crítica e Sociologia. A *formalização ou a redução estrutural dos dados externos* – noção fundamental na elaboração da dialética da malandragem –, que consiste em saber “qual a função exercida pela realidade social historicamente localizada para constituir a estrutura da obra”<sup>26</sup>, pressupõe a *dialética do interno e do externo* do ensaio de 1961. Portanto, este, se ponto de chegada, como dissemos, é também ponto de partida, como se percebe<sup>27</sup>.

Retomando o nosso fio inicial, e para encerrarmos, se, como querem alguns, Antonio Cândido nasceu um crítico pronto, basta notar, como se tentou mostrar nestas poucas linhas, que ele não permaneceu o mesmo desde sempre. As questões de base postas no início de sua trajetória como crítico literário serão retomadas, contínua e sistematicamente, embora nunca de maneira explícita e menos ainda de modo a formar um programa e um corpo teórico-metodológico. Isto porque o caráter discreto da visão metamórfica do nosso crítico<sup>28</sup> tem como horizonte de preocupação, não a formulação de esquemas abstrações e ideais do fenômeno literário, mas sim as condições concretas da produção literária historicamente localizada, bem como o engendramento das formas literárias enquanto materialmente constituídas.

<sup>25</sup> Sobre o assunto, ver o ensaio *A Dialética e a Malandragem*, de André Bueno, neste dossiê.

<sup>26</sup> CANDIDO, A. *Dialética da Malandragem*. In: \_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

<sup>27</sup> Antonio Cândido retorna alguns pontos dessa discussão, em 1975, na conferência Literatura – Sociologia, realizada no II Encontro Nacional de Professores de Literatura, no Rio de Janeiro. Ver *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de: Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2002. p. 51.

<sup>28</sup> Muito mecânica e esquematicamente, este movimento poderia ser assim enunciado: a) retenção dos elementos anteriores; b) processo cumulativo que se efetua à luz das novas necessidades histórico-literárias; c) adensamento do ponto de vista, que pressupõe reorientação do olhar crítico.

## RESUMO

Este artigo tenciona examinar alguns aspectos da crítica de Antônio Cândido.

Palavras-chave: *Antonio Cândido; crítica literária; literatura e sociedade.*

## ABSTRACT

This paper aims at investigating some aspects of Antonio Cândido's criticism.

Key-words: *Antonio Cândido; literary criticism; literature and society.*

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de: Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2002. p. 23.

\_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

\_\_\_\_\_. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. *Teresina etc*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

NEME, M. *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Globo, 1945.

Submetido em: 20/03/2008.

Aceito em: 25/11/2008.